

DESTAQUE

Economia - Brasil

RICARDO AMARAL

ESTADO DE SÃO PAULO

13, SET 1998

A velocidade dos mercados financeiros em crise tende a impor seu próprio e alucinado ritmo aos outros acontecimentos, tornando a política menos previsível e a construção de cenários mais incerta do que o comum. A vida real não consegue acompanhar os sustos que o mercado nos passa. Não deve ser muito grande a parcela do eleitorado ciente de que, durante a semana, estivemos perigosamente próximos do Armagedon cambial, do qual escapamos recorrendo ao Apocalipse monetário dos juros de quase 50% ao ano, enquanto aguardamos os efeitos da hecatombe fiscal que se abateu sobre os orçamentos públicos. Será cada vez maior, no entanto, a quantidade de eleitores cientes de que o dólar está ficando raro e caro e de que está subindo a conta do cheque especial.

A economia é capaz de produzir sozinha uma boa dose de confusão, dispensando até a colaboração dos políticos, mas estamos a três semanas das eleições, o que torna ainda mais inevitável a simbiose dos fatores econômicos e políticos. O presidente Fernando Henrique Cardoso não escapou à tentação e serviu um coquetel indigesto no programa de rádio de sua coligação, na manhã de sábado. Falando como candidato, disse que o Brasil não vai recorrer

ao Fundo Monetário International (FMI) "porque não precisa". Na vida real, o governo do presidente Fernando Henrique passou a semana em intensos contatos com a direção do Fundo e esta sinalizou com um socorro de US\$ 30 bilhões para os países da América Latina, o que, até ontem, incluía o Brasil.

A informação de que os entendimentos avançavam - obtida pelo jornalista Paulo Sotero e difundida pela Agência Estado no início da tarde de sexta-feira - foi festejada pelos investidores e contribuiu para consolidar a tendência de franca recuperação da Bolsa de São Paulo. Dinheiro de fora, parte dele saído dos cofres do Tesouro norte-americano, se-

ria muito bem recebido na atual situação, injetando credibilidade e desenhando um horizonte menos sombrio para o futuro do real. No mesmo instante em que os investidores voltavam à Bolsa, o presidente trancava-se no estúdio do Palácio da Alvorada para gravar a versão tucana da velha palavra de ordem "Fora daqui, o FMI". O presidente candidato não gravou apenas mais um programa da série, mas determinou aos assessores que chamassem a atenção dos distraídos jornalistas: acordem bem cedo amanhã e cole o ouvido no rádio de pilha.

Fernando Henrique falou para o eleitor, que ainda tem pesadelos com o FMI de dona Ana Maria Jul. Não queria falar ao mercado, que supostamente não liga o rádio nas manhãs de sábado e não tem medo de bicho-papão,

só de prejuízo na carteira. No início da tarde de quinta-feira, o presidente, segundo seus assessores, também se dirigia "à sociedade", ao dizer que não via razão para aumentar novamente a taxa de juros e que não iria ficar "de joelhos" para o mercado. Menos de oito horas depois, a taxa praticamente dobrou, mas ninguém viu um genuflexório subir do almoçoarifado do Alvorada para os aposentos presidenciais.

Na quinta-feira, o presidente falou uma coisa e fez outra em relação aos juros. Nada nos impede de supor que o mesmo venha a ocorrer em relação ao socorro do FMI, que ele agora rejeita, como um pobre soberbo, mas pode ter de procurar (se já não o fez).

Tirando o pessoal que trabalha no governo (e nem são todos), não há economista sóbrio ou capitalista ajuizado acreditando que os atuais níveis de usura possam ser praticados sequer no médio prazo, quanto mais para sustentar uma negativa peremptória de socorro externo. Com suas próprias palavras, o candidato FHC está enredando o presidente FHC. Depois das eleições, será difícil, mas absolutamente necessário, desfazer os nós.



■ Ricardo Amaral é jornalista

FHC fala para o eleitor, que tem má lembrança do Fundo, mas o mercado festeja possível ajuda